



## **A DIMENSÃO CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIOGRANDENSE DE PROFESSORES (DOS ANOS 30 AOS ANOS 70)**

Sergio Ricardo Pereira Cardoso – IFRS/UFPeI<sup>1</sup>

**Resumo:** A Associação Sul Rio-Grandense de Professores (ASRP) é uma associação docente mutualista nascida em 1929. Neste artigo, objetiva-se, analisar a dimensão cultural da ASRP, principalmente no tocante aos artefatos, valores e premissas sob a perspectiva da sociologia das organizações. Para isso, parte-se do pressuposto de que as associações docentes são organizações e, portanto, produzem uma cultura organizacional, que se materializam nos artefatos. Tais artefatos, que são produzidos pelos membros da organização através de seus valores e premissas, realimentam a mesma produzindo novos valores e novas premissas.

**Palavras-chave:** História da Educação / Associativismo Docente / Associação Sul Rio-Grandense de Professores (ASRP).

### **Considerações iniciais**

Uma organização é fruto de relações e ações coletivas; por isso, “se interpõe entre as contradições de classe, evita ou atenua os conflitos, os absorve e os integra em um sistema social unificado, mas é, entretanto, constantemente sustentada e produzida por elas” (PAGÈS, 1987, p. 31).

Por ser uma produção social resultante de relações de poderes, a organização deve ser encarada também como uma “rede de tomada de decisões” (MOTTA, 1986, p. 14), em que o comportamento do indivíduo rege sua participação. Mas a organização é uma rede decisória de “autonomia controlada”, pois “há a substituição de ordens e interdições por regras e princípios interiorizados conforme a lógica da organização” (PAGÈS, 1987, p. 36). Os valores e princípios concretizam-se, portanto, nas normas, em que a dialética entre a autonomia e o controle possibilita as relações de poder e, conseqüentemente, legitima a dominação.

Compreende-se, então, que as organizações associativas docentes, onde inclui-se a Associação Sul-Rio-grandense de Professores (ASRP), ressignificam organizacionalmente os

---

<sup>1</sup> IFRS- Campus Rio Grande  
PPGE/ FaE/ UFPeI  
[sergio.cardoso@riogrande.ifrs.edu.br](mailto:sergio.cardoso@riogrande.ifrs.edu.br)

sistemas de normas instituídos. Ao se ressignificar, estas associações variam a racionalidade e as relações de poder.

Sendo assim, a abordagem analítica presente neste artigo insere-se no campo epistemológico contemporâneo da Sociologia das Organizações que foca as inter-relações entre os universos da macro e microestrutura, superando os sistemas analíticos centrados em um ou noutro.

Além disso, cabe salientar que esta é parte de uma pesquisa de doutorado; as fontes basicamente se resumem aos livros-ata da ASRP, os jornais locais de Pelotas e fotografias do arquivo particular da ASRP.

Os modelos têm a finalidade de simplificar uma determinada realidade complexa, pois, dessa forma, auxiliam na busca por soluções aproximadas para os dilemas humanos. Baseado, portanto, em Weber (1980), Perrow (1976), Mayntz (1972), Litterer (1970), Champion (1979) e Shein (1992), esta pesquisa criou um modelo de análise (Fig. 01), focando-se em 4 dimensões para se investigar as associações docentes: a teleológica, a estrutural, cultural e a política/interacionista:



Figura 1: Esquema de análise proposto pela pesquisa para investigação de associações docentes

O foco deste artigo, entretanto, é a dimensão cultural, entendendo-se cultura aqui numa perspectiva semiótica, interpretativa, como bem explicita Gertz (1989) baseado em Max

Weber:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 15).

O conceito de Clifford Geertz, essencialmente semiótico, induz a se afirmar que a dimensão cultural é constituída por símbolos e signos que dão significado à vivência humana. Schein (1992), baseado em Geertz, constrói um modelo de análise da cultura organizacional, podendo ser esta estudada em três níveis: artefatos, valores e premissas.

### **Breves palavras a respeito da História da Associação Sul Rio-Grandense de Professores.**

Após ser criada, em 1929, a ASRP atravessou os anos 30 consolidando-se como uma instituição que representava a classe docente perante as várias instâncias públicas de Pelotas e região, procurando não fazer distinção entre as ideologias e os níveis de professores, que fazia parte de sua estratégia para crescer e se tornar cada vez mais forte autônoma.

No decorrer dos anos 40, a ASRP atende basicamente necessidades mutualistas de seus associados. É nessa década que a instituição passa a associar-se a políticos no sentido de arrecadar fundos para seus cofres. Esse fato, de certa forma, faz com que a ASRP perca parte da autonomia de ação frente aos poderes públicos; entretanto, a ASRP sempre esteve atenta aos abusos da administração pública no tocante aos professores e à educação de um modo geral.

A partir dos anos 50, é perceptível uma tendência em transformar-se em um movimento mais combativo; nos anos 60, entretanto, tal movimento é refreado pelos acontecimentos políticos do país, que culminaram com o governo militar de 1964 a 1985.

Na segunda metade da década de 1970, no entanto, a ASRP dá total apoio à greve de 1979 do Estado, o que possibilita uma revisão de postura da mesma em relação aos novos estilos de organização do trabalhador docente.

No que concerne à política de formação docente da ASRP, a partir de 1970, além dos cursos de atualização pedagógica e preparação para concursos do magistério (o que mais tarde vai se transformar em cursos preparatórios para vestibular e concursos em geral), verifica-se o despontar de temáticas mais atuais: Educação Especial (1971), Planejamento Educacional (1971), Educação Ecológica (1978).

Pesa também que, na década de 70, há um número maior de professores formados pelas universidades, que apresentavam fortemente uma perspectiva contrária ao regime ditatorial que imperava no Brasil. Os discursos antidireitistas dessas universidades foram fundamentais para a separação entre a velha maneira de organizar os profissionais docentes e a nova, dos trabalhadores docentes.

Inclusive, a Faculdade de Educação, da UFPel, possuía uma forte influência dos Movimentos Eclesiais de Base, que bebiam na Teologia da Libertação e, por conseguinte, em algumas diretrizes do Marxismo.

Além das reconfigurações de forças político-pedagógicas, pode-se também elencar as várias associações que surgem sob essa perspectiva mais combativa, que acabam arrebanhando professores que antes eram da ASRP: a exemplo da ADUFPel (Associação dos Docentes da UFPel), ADUCPEL (Associação dos Docentes da UCPEL), CPERS, ASETFPel (Associação dos Servidores da ETEFPel), AMP (Associação dos Municípios de Pelotas), entre outras.

A ASRP, como qualquer instituição, foi composta por pessoas que erraram, como qualquer pessoa erra, acertaram como qualquer pessoa acerta; mas, justiça seja feita, foram pessoas que colocaram suas vidas em prol da construção da classe docente. Da mesma forma, não se pode esquecer que foram pessoas que viveram no seu tempo, com o seu tempo, para o seu tempo.

Talvez o maior erro da ASRP foi tentar se manter original numa época em que ser original era estar “em cima do muro”, numa época que ou “se era esquerda” ou se era “contra a esquerda”. De qualquer maneira, suas ações repercutiram e repercutem até hoje.

### **Artefatos, valores e premissas.**

Os artefatos, segundo Schein (1992, p. 17), são as manifestações mais concretas de uma organização; são visíveis, audíveis e percebidas no primeiro contato que se tem com a organização. São as mais superficiais das manifestações. Como exemplos de artefatos organizacionais têm-se, entre outros, a linguagem, as criações artísticas, a distribuição do ambiente, a arquitetura, além, é claro, dos produtos e serviços.

Neste espaço, todavia, a pesquisa deter-se-á nos elementos simbólicos que representavam a instituição como, por exemplo, o logotipo, a flâmula, o hino e a bandeira. Isso não equivale a dizer que não existam outros artefatos da ASRP — a sede, os serviços

prestados, os estatutos, as atas de reuniões; enfim, tudo aquilo que alguém estranho à associação sinta e lhe remeta à mesma de imediato. Estes, entretanto, em maior ou menor grau, já estão sendo trabalhados ao longo da tese; daí a escolha por seus elementos simbólicos.

Mas é importante também observar a distribuição dos membros na arquitetura ambiental que englobava os rituais da associação. Nas reuniões da associação, existia uma determinada hierarquia na ocupação dos espaços; basicamente, o Conselho Diretor ficava a frente, sentado numa espécie de mesa de solenidades de frente para o público (Figuras 02 e 03).



Figura 02: Ato solene por conta do 40º aniversário da ASRP, em 1969 (ARQUIVO da ASRP).



Figura 03: Assembleia Geral ordinária da ASRP, em sua sede, em 15/10/1969, no momento em que a presidente da ASRP, Professora Olga Maria Dias Bairy, dava início à mesma (ARQUIVO DA ASRP).

Nas Figuras 02 e 03 há um agregado anexado à roupa dos membros do Conselho Diretor da ASRP; é uma espécie de broche em formato de flâmula em miniatura, que também é a marca da ASRP; é um dos mais significativos artefatos, já que é móvel, facilitando a expansão da visibilidade da ASRP. Afinal,

[...] A marca constitui uma roupagem pública e simbólica do produto, geralmente externada por meio de um logotipo (designação verbal) ou logomarca (designação verbal-icônica para o produto). A imagem de marca será tanto maior e mais bem consolidada quanto maiores forem seu tempo de exposição pública (lei da redundância), os volumes e as densidades publicitárias e as verbas investidas (lei da difusão da visibilidade) e a homogeneidade gráfico visual das manifestações impressas a respeito do produto e da marca (lei da coerência e da homogeneidade) (TORQUATO, 2004, p.109).

A importância de se estudar a marca de uma organização está no fato de ela ser a sua melhor expressão de intencionalidade, pois representa a identidade requerida pela

organização; é a personalidade que ela pretende evocar para si. Pois ela

[...] é um nome, normalmente representado por um desenho (logotipo e/ou símbolo), que, com o tempo, devido às experiências reais ou virtuais, objetivas ou subjetivas que vamos relacionando a ela, passa a ter um valor específico (STRUNCK, 2003, p. 18).

Joan Costa (2008) atenta para o fato de que a marca de uma organização é simultaneamente um signo verbal (nome) acrescido de um visual (logotipo e/ou símbolo<sup>2</sup>), cuja intencionalidade é transmitir uma mensagem positiva sobre a organização e, simultaneamente, anunciar os produto e/ou serviços da mesma.

A marca presente no broche não é a primeira a ser criada pela ASRP; pois todo artefato é produto dos membros de uma organização num determinado tempo-espaço; como os membros estão em constantes mudanças, suas produções também são reinventadas.

Consciente ou não da importância de uma marca para a nova instituição que acabara de nascer, a ASRP trata logo de providenciar a sua a fim de se institucionalizar enquanto uma representante da classe docente: “Por proposta do presidente, ficou-se de pedir aos diversos Institutos Escolares da cidade projetos de emblema-distintivo para uso na correspondência da Associação” (ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA ASRP, 19/10/1929).

A escolha da marca vencedora, entretanto, somente foi efetivada oito meses depois. A disputa acirrada na votação demonstra a heterogeneidade presente no Conselho Diretor:

Referindo-nos à ata de 19.10.1929, nº 02, foram recebidos diversos modelos de emblemas para distintivo em papeis da nossa associação [...] na sessão anterior [...] foi feita a escolha do modelo [...] de nossa distinta colega Exma. Srta. D. Alice M. D'Ávila [...] O modelo foi vencedor com 3 votos, contra dois e um, respectivamente, dados a outros modelos (ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA ASRP, 21/06/1930).

Outras marcas foram adotadas pela ASRP como a que circulou na segunda metade da década de 30 e nos anos 40 e 50 (Figura 04), criada pelo Professor Silvino Derengovski, presidente em exercício na época: “O Sr. Presidente apresentou o desenho de um emblema para a Associação, sendo o mesmo aprovado, a Associação mandará fazer o clichê” (ATAS DO CONSELHO DIRETOR E ASSEMBLEIA GERAL, 1933-1937, a ATA Nº 104, 27/04/1936).

---

2 Atentar para a diferença entre logotipo e símbolo: *logotipo* significa “grafia padrão”, “palavra padrão”, “escrita padrão”, ou seja, a junção dos termos gregos *lógos* (palavra) e *typos* (impressão, marca); já *símbolo* é um “sinal gráfico”, podendo ser ou não geométrico, mas representativo da organização (PINHO, 1996).



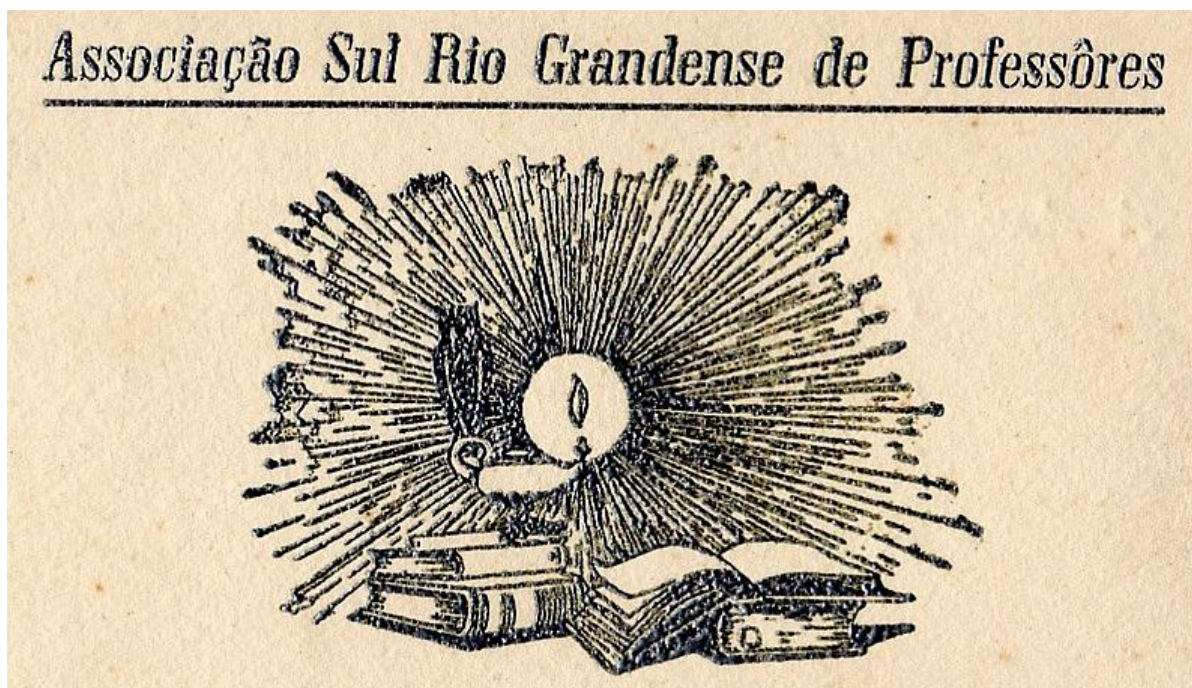


Figura 04: Marca da ASRP, criada em 1936.

Mas o que interessa aqui, de fato, é o símbolo, ou seja, o desenho central da marca. Pois, todo discurso, seja verbal ou imagético, possui duas dimensões de significados: o conotativo e o denotativo.

O sentido denotativo está imbricado àquilo que é concreto, observável, sentido diretamente no discurso, ou seja, “quando um signo indica diretamente um objeto referente ou suas qualidades”; já o significado conotativo implica uma relação pessoal em relação ao discurso, pois “inclui as interpretações subjetivas ou pessoais que podem derivar-se do signo” (BORDENAVE, 1997, p. 72).

Entretanto, por ser de cunho subjetivo, o significado conotativo de uma interpretação mais rigorosa, ou seja, o sujeito que interpreta conotativamente um discurso precisa de pressupostos, que podem ser subjetivos ou objetivos. Com relação a isso, Robledano Arillo (2000, p. 274) apresenta uma distinção entre conotação subjetiva e conotação objetiva: a conotação objetiva tem um caráter mais cultural, derivando geralmente de um imaginário compartilhado por um grupo, inclusive uma classe social; por outro lado, a subjetiva depende de fatores mais individuais como, por exemplo, as vivências, os valores, a ideologia e o nível de conhecimento sobre o símbolo referente.

Sendo assim, é possível fazer um quadro analítico do discurso imagético presente no símbolo da ASRP (Quadro 01), partindo de seus elementos denotativos:

Quadro 01  
Quadro analítico do discurso imagético presente no símbolo da ASRP

Elementos denotativos		Análise conotativa
1	Num primeiro plano, um livro aberto com páginas em branco em cima de outro livro fechado.	Chevalier (1998) argumenta que seria óbvio dizer que o livro representa a ciência e a sabedoria; mas também pode significar, no seu grau de representação mais elevado, o universo, já que o “universo é um grande livro” (p. 555). O autor também salienta que “um livro fechado significa a matéria virgem” (p. 555); ao se abrir o livro a matéria começa a ser fecundada, pois o “o conteúdo é tomado por quem o investiga” (p. 555). Uma possível interpretação para a perspectiva em questão seria que o objetivo principal da ASRP foi a de proporcionar o desenvolvimento da sociedade ao seu redor, fecundando-a a partir dos conhecimentos contidos nos livros; o fato de página estar em branco pode representar que é através de tais conhecimentos científicos, obtidos na escola, a pessoa tem a possibilidade de escrever seu universo, sua história.
2	No plano anterior, uma coruja repousa na alça de uma lâmpada acesa, que por sua vez está apoiada em cima de três livros fechados; ainda no segundo plano, destaca-se a chama da lâmpada bem ao centro da composição do símbolo.	Chevalier (1998, p. 293) induz uma interpretação de que a coruja possa significar “símbolo do conhecimento racional”, pois ela percebe a luz por reflexo ( luz lunar), em oposição ao conhecimento intuitivo da luz direta (luz solar); por isso, era a ave de Atena (Minerva), deusa da sabedoria. Já “o simbolismo da lâmpada está ligado ao da emanção da luz” (p. 534); a lâmpada é “o suporte da luz, e a luz é a manifestação da lâmpada” (p. 534), o que implica na unidade entre a lâmpada e a luz. Admite-se também que a lâmpada representa o ser humano, pois tem um corpo de argila, sendo o óleo o seu princípio de vida e, completando a trindade, a chama, que é sua alma (p. 535). Uma possível leitura desse plano seria a de que a lâmpada representaria o professor, que se guia pela racionalidade, como sugere a coruja, a fim de, com sua chama, irradiar conhecimentos. Vale salientar que os livros estão fechados, como se os conhecimentos dos professores já estivesse formados e fossem imutáveis, ou seja, não pudessem ser reescritos.
3	Ao fundo, no último plano estão os raios de luz emitidos pela chama da lâmpada, iluminando todos os elemento e a cena sugerida pela figura.	“Os raios simbolizam uma emanção luminosa que se propaga a partir de um centro [no caso do símbolo da ASRP, é a chama que sai da lâmpada].sobre outros seres. Expressam uma influência fecundante de ordem material ou espiritual” (CHEVALIER, 1998, p. 767). Sendo assim, os raios de luz provavelmente signifique a influência dos professores na fecundação dos valores e dos conhecimentos ao seu redor.

A partir de 1960, o professor Joaquim Alves da Fonseca manifestou que se criasse uma bandeira para a ASRP:

Por ocasião da Assembleia Geral de 15 de outubro do ano passado, nosso consócio e sócio-fundador Prof. Joaquim Alves da Fonseca sugeriu a criação



de uma bandeira para a Associação Sul Rio-grandense de Professores. [...] O Conselho tomando-a na merecida consideração oficiou à 5ª Delegacia regional de ensino, à Diretoria da Educação Municipal e à Direção da Escola de Belas Artes de Pelotas, pedindo sugestões sobre o pavilhão que iria distinguir nossa Associação (RELATÓRIO DO CONSELHO DIRETOR, Gestão 1960-1961).

Diante dos vários desenhos apresentados, julgou-se como o que melhor representava a referida instituição o pavilhão a seguir (Figura 05):



Figura 05: Bandeira da ASRP.

Desde os anos 60, então, a ASRP adota a figura central de sua bandeira como específica de sua marca, sendo utilizada, inclusive na atualidade (Quadro 02):

Quadro 02  
Marcas da ASRP desde os anos 60 até 2009

<p>Símbolo presente em broche no formato de mini-flâmula, de 1969.</p>	<p>Símbolo presente em flâmula, também de 1969.</p>
	
<p>Símbolo da ASRP extraída de uma notícia sobre seus 80 anos, em 2009.</p>	
	

Basicamente, o símbolo da ASRP passou a ter dois elementos denotativos: no primeiro plano, um globo didático, onde se visualiza integralmente o continente americano e parcialmente o continente africano; num segundo repete-se a ideia de um dos elementos denotativos do símbolo anterior, ou seja, um livro aberto, cujas páginas estão vazias, apoiado em dois livros fechados e sobrepostos.

O globo em si representa a totalidade geográfica, o mundo, que pode ser interpretado aqui como uma característica da ASRP ao longo de sua trajetória: estar ligada ao universal, ao global, o que ratifica a tendência de homogeneização educacional imposta por instituições internacionais, a exemplo da UNESCO.

Outro artefato que significou muito para a ASRP foi seu hino (Quadro 03).

Quadro 03  
Hino da ASRP, criado em 1971.

<b>Hino da ASRP</b>	
<b>I</b>	<b>II</b>
<p><i>Longos anos de luta vibrante Marcam fundo um passado invulgar Que devemos de instante a instante Congregados ao mundo levar</i></p>	<p><i>Representas o anseio sagrado Nesta trilha assaz triunfal De quem sempre se tem dedicado À conquista de um nobre ideal</i></p>
<b>Estrilho</b>	<b>III</b>
<p><i>Associação, entidade querida Justo orgulho de teus professores És modelo de crença e de vida Florescente em novos valores Tu dignificas o teu magistério De esperança, de fé e amor</i></p>	<p><i>Seja teu porvir venturoso Teu presente, exemplo fecundo, Refletindo o passado glorioso Que irradias aos olhos do mundo</i></p> <p>Letra: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Olga Maria Dias Bayni Música: Maestro Romeu Tagnin</p>

Analisando o hino da ASRP, verifica-se na primeira estrofe um apelo pelo resgate das memórias da instituição; o discurso perpassa a necessidade de resguardar as lembranças sobre um “passado invulgar”, mas focado no presente, “instante a instante”. Os docentes congregados também circundam a narrativa do hino, pois são eles os responsáveis pela disseminação dos princípios da ASRP.

O estrilho, que é a mensagem central de um hino, condensa os aspectos que influenciam as premissas e valores da ASRP: o religioso, expresso na ideia de crença, de fé, de esperança; o mundo e suas transformações, intuindo que a educação deva ser dinâmica, para e como a “vida”; outro elemento a ser destacado é o “magistério de esperança, fé e amor”, passando a ideia de docência como vocação.

A segunda estrofe, juntamente com a ideia de docência como vocação, exalta a questão da representação classista da ASRP. Já a terceira estrofe é, basicamente, um reforço da primeira, mas numa dimensão de desejo, de prece.

Diante do exposto, verifica-se que os artefatos da ASRP são reprodutores da linguagem coletiva vigente, possuindo a capacidade de refletir múltiplos prismas simbólicos que induzem a identificar a ASRP como uma instituição concomitantemente missionária e moderna, por mais paradoxal que pareça.

Entretanto, dizer que os artefatos contribuem para a construção de uma identidade institucional não é o mesmo que afirmar que eles construíram um determinado senso comum sobre os associados. Essa linguagem coletiva de significações é consequência de momentos históricos específicos e, sendo assim, expressa visões atreladas a polêmicas, limitações e contradições, caracterizando-se principalmente por ser um espaço onde circulam não apenas símbolos, mas também valores.

Dessa maneira, os rituais onde estes artefatos eram exibidos, sendo elementos constitutivos deste rito, são uma construção social, cujas representações e significações expressam uma espécie de cultura cívica inerente aos sujeitos envolvidos nesse processo, ou seja, a identidade institucional da ASRP é produzida pela compreensão que os associados possuem a respeito dos artefatos, que legitimam tais rituais, registrando no imaginário social um sentimento coletivo delimitado por um determinado espaço e tempo histórico. A constituição da identidade, permeada pelo imaginário social, nos remete a Bronislaw Baczko:

O imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum (BACZKO, 1985, p. 322).

O imaginário social presente nos professores da ASRP como um corpo coletivo que se faz representar constitui uma identidade institucional, que acaba por estabelecer uma maneira de relacionar-se com a comunidade escolar de Pelotas como um todo. Por meio desse imaginário, a ASRP instituiu sua imagem, fomentando código e princípios em comum. Através, então, da construção de valores e premissas, a ASRP se constitui como um determinado extrato social.

A partir dos artefatos, é possível perceber os valores e premissas de uma organização, pois a anexação dos valores se dá pela “validação social”, ou seja, pela experiência social vivenciada pelo grupo, indo desde os mais universais (religião, ética, moral, estética, etc.) aos mais particulares — vocação, doação, missão, etc. (GAGLIARDI *apud* SCHEIN, 1992, p. 20-21).

A apreensão dos valores pelo grupo não é automática; processa-se na medida em que os fundadores e/ou líderes apontam ações que revelam determinado status à organização, ou seja, diminuindo as incertezas e dificuldades do grupo perante as demandas sociais. Nesse sentido, “as organizações tornam-se imbuídas de valor quando passam a simbolizar as

aspirações da comunidade, o seu senso de identidade” (SELZNICK, 1972, p.17).

À medida que estes valores são praticados repetidamente, acabam se tornando premissas básicas, revestidas de estratégias de regras morais e crenças, podendo chegar ao nível de dogmas, pois servem como diretrizes morais/normativas a fim de operacionalizar determinadas circunstâncias-chave que refletem na ação dos novos membros (GAGLIARDI *apud* SCHEIN, 1992, p. 20).

Estas ações, de certa forma tendem a institucionalizar-se, fazendo das premissas básicas uma espécie de verdades absolutas; os membros da organização são induzidos a crer que a realidade se articula daquela maneira proposta pelas premissas, havendo então poucas variações, pois engendram-se geralmente sem questionamentos, nem sequer um posicionamento crítico a respeito.

Caso apareça uma variante do comportamento imposto pela premissa básica, ele logo será rechaçado pelo grande grupo com a perspectiva de ser inconcebível. Isso não equivale a dizer que as premissas básicas não mudam; suas mudanças, no entanto, são muito lentas, pois toda postura crítica em relação a uma premissa básica tende desestabilizar e criar resistências.

### **Palavras finais, mas não definitivas.**

Pode-se dizer então que entre os valores e premissas básicas adotadas pela ASRP, destacam-se: a perspectiva vocacional da atividade docente, a busca da profissionalização através da qualificação do professor, e a crença na transformação da realidade através dos dispositivos legais da sociedade.

A dimensão cultural, proposta no modelo analítico da ASRP, diz respeito aos aspectos culturais da associação, flutuando entre os materiais e os não materiais, ou seja, seus símbolos, suas crenças e suas histórias; enfim, toda a extensão simbólica vivenciada por seus membros.

### **Referências**

ARILLO, Jesús Robledano. Documentación fotográfica em medios de comunicación social. In: MOREIRO, José Antônio (Coord.). **Manual de documentación informativa**. Madrid: Cátedra, 2000, p. 183-290.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: ROMANO, R. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, v. 5, Anthropos – Homem.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1997.



CHAMPION, Dean J. **A Sociologia das organizações**. Tradução: Auriphebo B. Simões. São Paulo: Saraiva, 1979.

CHEVALIER, Jean et al. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

COSTA, Joan. **A imagem da marca: um fenômeno social**. Trad. Osvaldo Antônio Rosiano. São Paulo: Rosari, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LITTERER, Joseph A. **Análise das Organizações**. Tradução: Auriphebo B. Simões. São Paulo: Atlas, 1970, 521 p.

MOTTA, Fernando Prestes. **Teoria das organizações: evolução e crítica**. São Paulo: Pioneira, 1986.

PAGÈS, Max et al. **O poder das organizações**. Trad. Maria Cecília Pereira Tavares e Sonia Simas Favatti. São Paulo: Atlas, 1987.

PERROW, Charles. **Análise Organizacional: Um Enfoque Sociológico**. São Paulo: Atlas, 1976.

PINHO, José Benedito. **O Poder das Marcas**. São Paulo: Summus, 1996.

SCHEIN, Edgard. H. **Organizational culture and leadership**. São Francisco: Jossey-Bass, 1992.

SELZNICK, Philip. **A liderança na administração: uma interpretação sociológica**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1972.

STRUNCK, Gilberto. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso: um guia sobre marketing das marcas e como representar seus valores**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2003.

TORQUATO, G. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

WEBER, Max. **Textos Selecionados**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.